



Moçambique recebe com alegria General Ramalho Eanes

- Apertos de mão
- Milhares de sorrisos
- Bandeiras ao vento

Texto: Albino Magaia
 Fotos: Kok Nam, Danilo Guimarães
 e colaboração do «Notícias»

Calmo, extremamente calmo. Voz que não denota emoções. Sorriso leve. Calmo mesmo a receber as efusivas saudações que a população de Maputo lhe tem dedicado, este é o General Ramalho Eanes, Presidente da República Portuguesa que desde o dia 24 de Novembro vem efectuando uma histórica visita à República Popular de Moçambique. ▶



dos Heróis Moçambicanos. Ele depôs ali uma coroa da flores durante um acto de grande solenidade emprestada pela Banda Militar e por uma companhia de Guarda de Honra. A bandeira de Moçambique e a bandeira portuguesa flutuavam nos mastros da passareira principal.

Acompanhado pelo Major-General Joaquim Chissano, Ministro dos Negócios Estrangeiros da RPM, o General Eanes ouviu o relato das circunstâncias em que morreu cada combatente das urnas ali contidas. Ficará registado na história das relações entre Moçambique e Portugal, que foi a pedido do Presidente português que a cerimónia de deposição de uma coroa de

No recinto do Aeroporto Internacional de Maputo estavam cerca de cinco mil pessoas, entre moçambicanos e portugueses. Fora do recinto, mas logo na área adjacente, estavam umas outras cinco mil pessoas. Ao longo das ruas, milhares de cidadãos nacionais e estrangeiros quiseram ver Ramalho Eanes. Há quem aponte o número de 40 000 a massa de gente que ladeava as Avenidas dos Acordos de Lusaka e Eduardo Mondlane.

Este foi o dia da chegada.

No dia seguinte, após a visita ao Museu da Revolução que terminou depois das dezassete — e portanto com os trabalhadores com o dia de labor cumprido — a Avenida 24 de Julho ganhou um muro lateral feito de gente que não se cansava de saudar Eanes. De frente ao Museu, o Presidente português percorreu uns cem metros a cumprimentar e a apertar mãos anónimas da população, a trocar rápidas palavras com este e aquele, a dar um beijo numa criança ao colo do pai e a desaparecer, enfim, no meio de um mar de gente.

Indubitavelmente ficou provada a maturidade política do Povo moçambicano.

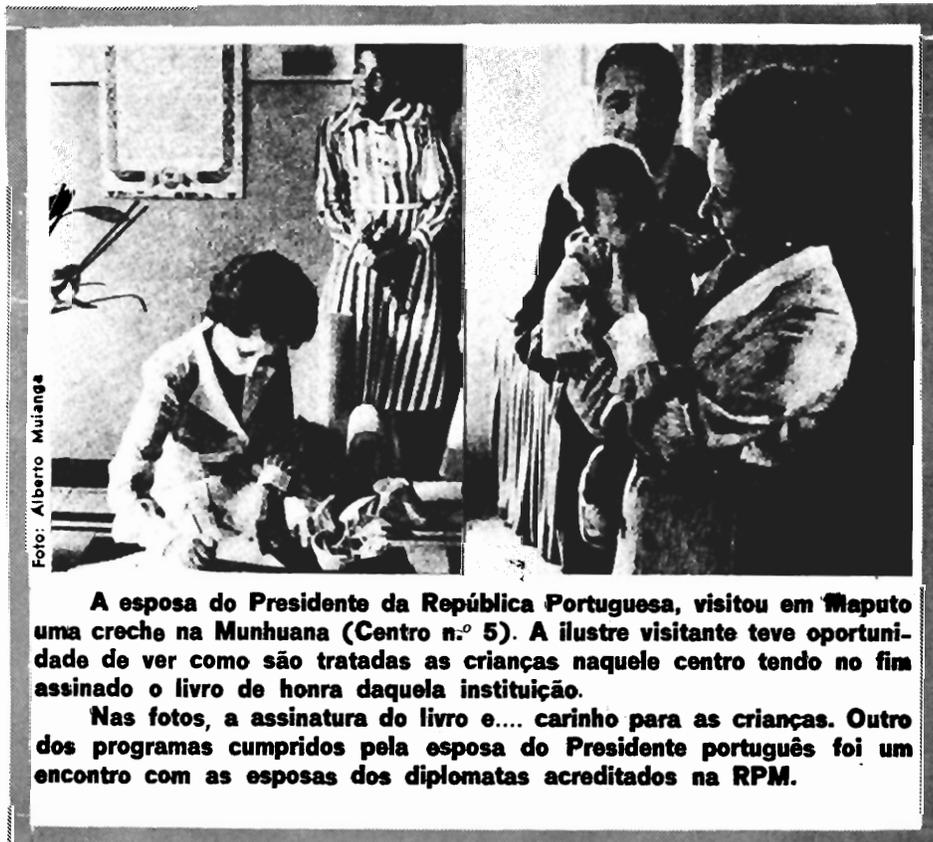


Foto: Alberto Muanga

A esposa do Presidente da República Portuguesa, visitou em Maputo uma creche na Munhuana (Centro n.º 5). A ilustre visitante teve oportunidade de ver como são tratadas as crianças naquele centro tendo no fim assinado o livro de honra daquela instituição.

Nas fotos, a assinatura do livro e... carinho para as crianças. Outro dos programas cumpridos pela esposa do Presidente português foi um encontro com as esposas dos diplomatas acreditados na RPM.

O MAIS SOLENE DÓS ACTOS

Apesar da chuva miúda que se fazia sentir e que ameaçava tornar-se numa bâtega forte, Ramalho Eanes foi alvo de uma saudação idêntica junto à Praça

flores no Monumento dos Heróis foi o primeiro acto oficial após as cerimónias de chegada. Eram dezassete horas e vinte minutos quando chegou à Praça. Eram quinze horas e dezasseis minutos quando recebeu as boas-vindas do Presidente Samora Machel na pla-

ca do aeroporto. Portanto, cerca de duas horas após a sua chegada Ramalho Eanes cumpria com a mais solene das cerimónias na presença de milhares de moçambicanos e membros da sua comitiva oficial.

A CHEGADA

O avião baptizado de «Moçambique» da companhia aérea portuguesa TAP aterra no Aeroporto

Internacional de Maputo. Milhares de bandeirinhas de Moçambique e Portugal tremulam nas mãos de milhares de pessoas. O Presidente Samora Machel e esposa acompanhados por Marcelino dos Santos, Óscar Monteiro, Fernando Ganhão, Aquino de Bragança e os embaixadores de Moçambique em Portugal e de Portugal em Moçambique, esperam junto à escada de descida do avião, a saída do General Eanes. O avião silenciou

os motores. Sai o Presidente Português que é abraçado pelo Presidente Moçambicano. Seguem-se as primeiras cerimónias protocolares de apresentação. Depois as fotos: primeiro os dois presidentes juntos, depois com as esposas e finalmente com os membros das suas comitivas. Daí a pouco é o Hino Nacional Português que se faz ouvir executado pela Banda Militar, enquanto nós ares troam as salvas de canhão. Após a execução do Hino Nacional Moçambicano segue-se a revista à Guarda de Honra e a oferta de flores aos dois presidentes e esposas por um grupo de crianças com as quais eles se deixam fotografar.

Apresentados os membros do Governo Moçambicano e os secretários-gerais das organizações democráticas de massas são cumprimentados os membros do corpo diplomático. Começam a soar fortemente os tambóres e as vozes dos dançarinos. O Presidente Samora Machel vai explicando ao visitante os nomes de algumas delas. Havia zore, makwayela, ngalanga.

Bandeirinhas, dezenas de mãos de uma só vez, a procurar a mão de Eanes, tudo concorre para criar calor humano na sua chegada. Algumas vezes de mãos dadas durante algumas destas cerimónias o Presidente Samora Machel e o Presidente Ramalho Eanes haviam de saudar os presentes com as mãos juntas no ar pouco antes de abandonarem o estrado onde assistiram ao desfile da Guarda de Honra e da Banda Militar.

Durante o trajecto para o Palácio da Ponta Vermelha a chuva que ameaça não cai. Então, junto às instalações do Corpo de Salvação Pública os dois presidentes decidem-se a abandonar o carro oficial e tomam o carro aberto dos jornalistas que seguia à sua frente. Estes entram no carro da Guarda Militar. Desta forma os dois



Em cima: visita ao Museu da Revolução

dirigentes saúdam e correspondem às saudações da multidão que ladeia a Avenida Eduardo Mondlane. Nessa altura a chuva que ameaçava cair decide-se. O Presidente Samora Machel pega no seu capote e dá-o ao ilustre visitante. Uma capa militar foi, de seguida, dada ao nosso dirigente...

Pequenos gestos, de uma indubitável simpatia, que encheram de sentimento humano a chegada de Eanes a Moçambique.

«DIZER O DESNECESSÁRIO»

«Vou dizer o desnecessário aqui: Portugal e Moçambique são duas soberanias que se respeitam» tal foi uma das afirmações do General Ramalho Eanes quando, no dia 25, usava da palavra no Salão Nobre do Palácio da Assembleia Popular. Eram 39 os diplomatas presentes, entre embaixadores e encarregados de negócios: da Europa Ocidental, da Ásia, da América Latina, da África. Usou da palavra o seu decano, o embaixador da Zâmbia. Presentes ainda o representante do ANC, o representante da FRETILIN e o representante do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.

O decano do corpo diplomático desejou a Eanes que «a sua histórica visita fosse coroada de êxito» e deu-lhe as boas-vindas em seu nome e dos seus colegas. Depois, um brinde pela felicidade do Presidente português.

A questão da soberania dos dois estados, referida acima, já fora abordada no início das conversações havidas nessa manhã do dia 25, no Palácio da Ponta Vermelha. Cada um dos presidentes usando da palavra traçou os princípios que norteiam o Estado que dirige. O Presidente Samora Machel reafirmou o anti-racismo da RPM e indicou quais as principais preocupações do nosso país neste momento: as profundas transformações na África Austral e a batalha económica da Década. «Sentam-se como se estivessem na vossa própria casa», terminaria por dizer o dirigente moçambicano.

Por seu turno Ramalho Eanes manifestou desejo de que entre os dois países houvesse um frutuoso diálogo político, económico e cultural. «Portugal está interessado

em que Moçambique seja um Estado estável a nível interno e prestigiado a nível externo», diria o dirigente português que concluiu a sua intervenção fazendo referência à harmonia entre as pessoas de várias raças em Moçambique facto que considerou «tocantemente natural».

NA MABOR E NO MUSEU DA REVOLUÇÃO

A comitiva portuguesa na tarde do dia 25 visitou a Mabor onde o General Ramalho Eanes teve oportunidade de ver a produção ali realizada (esta empresa venceu as suas metas) e de contactar com os portugueses que ali trabalham.

Depois dirigiu-se ao Museu da Revolução onde o Reitor da Universidade Eduardo Mondlane explicou-lhe o significado de cada



Alegria popular para Eanes



Quebrando o protocolo os dois presidentes abandonaram o carro oficial (de capota fechada) para se deslocarem da forma que se vê na imagem

exposição patente nas várias salas do edifício, explicações atentamente seguidas pelo visitante. No fim, Ramalho Eanes escreveu no Livro de Honra do Museu as seguintes palavras:

«Cabe a cada Povo soberano fazer a sua própria história escrita nos actos que os seus filhos consideram dignos de memória. Cabe a todos os povos respeitarem essa história, essa massificação cultural de identidade e soberania.

Respeitando os povos, Portugal respeita a sua História.»

De referir que no museu, como diria o Reitor ao General Ramalho Eanes, não há «uma narração da Luta de Libertação Nacional» mas uma síntese ideológica da nossa história. Explanou o significado do material exposto, as várias fases de luta armada e ideológica na Frente e — com acréscimos introduzidos por Joaquim Chissano, que acompanhava a visita, dando detalhes

importantes, como, quando revelou, diante de uma foto de soldados portugueses capturados durante a luta armada, que um deles, de nome Fernando Borges (indicou-o na foto) fora o único que pedira para ser enviado para Portugal. Os demais pediram para serem mandados para outros países. Estava a ser explicada a natureza anti-racista e a correcteza da definição de inimigo que sempre guiou a FRELIMO mesmo nos momentos de choque agudo entre duas linhas.

VISITA CONTINUA

Ao tempo a que esta edição da «Tempo» sair à rua, estará ainda a decorrer a visita do Presidente Eanes, desta vez no Norte e Centro do País. O programa prevê o termo dela no domingo dia 29 depois de ter levado a delegação visitante a Nacala, Beira, Massingir, Bilene e depois de dois encontros com a comunidade portuguesa (em Maputo e Beira) e de um banquete de retribuição ao que lhe foi oferecido pelo nosso Chefe de Estado.

Na próxima edição voltaremos a este importante acontecimento.



Na Mabor, uma prenda para o Presidente Português